



**O CAVALEIRO DO SONHO, DE ANA MARIA MACHADO,
DOM QUIXOTE, DE MIGUEL DOS CERVANTES E PORTINARI, O
PINTOR SOCIAL: UM DIÁLOGO TRÍADE NAS
REPRESENTAÇÕES DAS IMAGENS**

**THE KNIGHT OF THE DREAM, BY ANA MARIA
MACHADO, DOM QUIXOTE, BY MIGUEL DOS CERVANTES
AND PORTINARI, THE SOCIAL PAINTER: A TRIQUAL
DIALOGUE IN THE REPRESENTATIONS OF THE IMAGES**

Angela Maria da Silva Elias ¹

Recebimento do texto: 20/09/2017

Data de aceite: 15/10/2017

RESUMO: Este artigo propõe realizar um estudo comparatista da representação das cenas em *O Cavaleiro do Sonho* (2005), de Ana Maria Machado, *Dom Quixote de la Mancha* (2002), de Miguel dos Cervantes e as obras de artes plásticas da série *Dom Quixote* (1956), de Cândido Portinari. São três produções, de diferentes momentos históricos, literários, culturais e sociais, tendo em vista que *Dom Quixote de la Mancha* faz parte de um contexto do século XVII na literatura espanhola, *O Cavaleiro do Sonho* de um contexto do século XX, na literatura infanto-juvenil brasileira e Portinari, na criação das obras de arte, série *Dom Quixote*, no ano 1956 permeando a literatura e outras artes. Diante disso, apresentamos as semelhanças e dessemelhanças que delineiam as imagens, destacando como os autores se apropriam de cada criação literária. Para desenvolver o trabalho de comparação temos como arcabouço teórico e crítico: Benjamin Abdala, Tânia Franco Carvalhal, Renné Wellek, Vera Maria Tietzman Silva e outros.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Imagens; Dom Quixote.

ABSTRACT: This article proposes to perform a comparative study of the representation of the scenes in *The Knight of the Dream* (2005), Ana Maria Machado, *Don Quixote de la Mancha* (2002), Miguel dos Cervantes and the works of plastic arts of the series *Don Quixote* (1956), by Cândido Portinari. There are three productions, from different historical, literary, cultural and social moments, given that *Don Quixote de la Mancha* forms part of a seventeenth-century context in Spanish literature, *The Knight of the Dream* from a twentieth-century context, in children's literature - Brazilian youth and Portinari, in the creation of works of art, series *Don Quixote*, in the year 1956 permeating literature and other arts. In view of this, we present the similarities and dissimilarities that outline the images, highlighting how the authors appropriate each literary creation. To develop the work of comparison we have as theoretical and critical framework: Benjamin Abdala, Tânia Franco Carvalhal, Renné Wellek, Vera Maria Tietzman Silva and others.

KEYWORDS: Literature; Images; Don Quixote.

¹ Mestranda do programa de Pós graduação em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/PPGEL. E-mail: angellias@hotmail.com





A arte e a literatura constituem instrumentos de conhecimento do mundo e do homem. Embora sejam produções divergentes, em alguns aspectos se cruzam, delineando o papel do artista. Nesse horizonte, desponta a literatura comparatista, que contribui para o avanço intelectual entre a literatura e outras artes.

Segundo Wellek, “a literatura comparada surgiu como uma reação contra o nacionalismo limitado de muitos estudos do século XIX, como um protesto contra o isolacionismo de muitos historiadores da literatura francesa, alemã, italiana, inglesa etc”. (WELLEK, 1994, p. 125). Nesse sentido, o presente artigo toma como *corpus* as obras: *Dom Quixote de la Mancha* (1605), de Miguel de Cervantes e *O Cavaleiro do Sonho* (2005), obra contemporânea, ilustrada com pinturas de Cândido Portinari (1956).

Esse comparatismo de obras de diferentes momentos históricos, literários, culturais e sociais contribui de maneira significativa para a compreensão da leitura das imagens destacadas nesse trabalho, levando-nos a pensar nas palavras de Benjamin Abdala: “o excepcional da ficção subverte padrões de referência e critérios de verdade. O momento é de ruptura e reencontro, repetimos, para que o tempo rotineiro não prossiga em suas mesmices”. (ABDALA JUNIOR, 1996, p. 91). Diante disso, norteamos a comparação entre as três obras de diferentes momentos históricos e culturais.

Tomamos como base desse trabalho a obra *O Cavaleiro do Sonho*, concebida como um reconto da obra *Dom Quixote de la Mancha*. Para isso é preciso que atentemos para a observação de Vera Tietzman, segundo a qual “quando um escritor reconta histórias de procedência estrangeira, traduzindo-as ou adaptando-as, tem a clara intenção de ampliar os horizontes de conhecimento do leitor”. (SILVA, 2012, p. 30). Nesse sentido, não se trata apenas de uma retomada ao cânone, mas demanda uma reflexão sobre o





conteúdo representado e leva o leitor a ampliar seus horizontes de expectativas.

A obra de Ana Maria Machado nos instiga a ver e sentir o texto ficcional como um desdobramento da literatura universal a atrair o leitor por meio de uma narrativa simples, mas enriquecida pelas representações imagéticas das pinturas de Portinari. Machado inicia as páginas do livro com uma pintura do personagem de Dom Quixote, como ilustra a figura abaixo:

Figura 1

Dom Quixote de Cócoras com Ideias Delirantes
Desenho a lápis de cor sobre papel, 37 x 24.5 cm, 1956.



Fonte: Museu Castro Maya, Rio de Janeiro, RJ

Diante dessa observação, alinhavamos a narrativa de Miguel dos Cervantes, descrevendo a imagem de *Dom Quixote* de maneira que as palavras se misturem com a estética da arte e realça características surpreendentes: “orçava na idade o nosso Fidalgo pelos cinquenta anos. Era rijo de compleição, seco de carnes, enxuto de rosto, madrugador, e amigo da caça”. (CERVANTES, 2002, p. 31).

Enquanto que Ana Maria Machado apresenta uma descrição da personagem de Dom Quixote assim: “há uns quatrocentos anos, vivia um





fidalgos empobrecidos. Tinha uma lança e um escudo velhos, herdados de um tataravô, um cachorro magrelo e um cavalo esquelético, desses que eram chamados de Rocim”. (MACHADO, 2005, p. 07). O conteúdo representado evidencia marcas de um narrador medieval e contemporâneo. Para compreender essas marcas, Aroldo José Abreu Pinto afirma que:

O recontar, no caso de Ana Maria Machado, a partir dessa direção de pensamento, é, portanto, reconsiderar a trama a partir desse público específico, mas o resultado da percepção da autora sobre um texto ficcional amplamente divulgado e conhecido entre vários segmentos sociais, principalmente entre o público adulto, vai muito além e investe-se de certa autonomia em relação ao texto original, a partir de uma roupagem própria que assume: o direito e o incentivo à leitura ganham força no conjunto da narrativa. (PINTO, 2015, p. 02).

Numa linguagem canônica, Miguel dos Cervantes apresenta um clássico emoldurado num romance de cavalaria. Portinari, mais tarde, ilustrará essa linguagem, utilizando lápis de cor, papel, cartão e papelão. Ana Maria Machado se apropria do conteúdo representado, revestindo sua obra de cores fortes e narrativa expressiva.

Entre tantas passagens da narrativa, escolhemos analisar o fragmento em que o leitor se depara com a imagem da partida do sonhador *Dom Quixote* para consertar o mundo. Percebemos a magnitude desse fenômeno literário, uma vez que a Figura 1 nos remete de maneira transcendental à imaginação desse personagem pela expressão dos olhos a vislumbrar fixamente o horizonte, representando a expectativa de realizar seus sonhos. Comparamos a figura com a descrição de Cervantes:

E assim, sem ninguém dar parte de sua intenção, e sem que ninguém o visse, uma manhã antes do dia, que era um dos encalmados de julho, apercebeu-se de todas as suas armas, montou-se no Rocinante, posta a sua celada feita à pressa, abraçou a sua adarga, empunhou a lança, e pela porta furtada de um pátio se lançou ao campo, com grandíssimo





contentamento e alvoroço, de ver com que felicidade dava princípio ao seu bom desejo. (CERVANTES, 2002, p. 34).

A linguagem erudita apresentada faz contraste com a pintura à lápis de cor e nos mostra a originalidade de cada arte, levando-nos a viajar no tempo e no espaço. Na perspectiva de Bakhtin, compreendemos que:

A aptidão para *ver o tempo*, para *ler o tempo* no espaço, e, simultaneamente, para perceber o preenchimento do espaço como um todo em formação, como um acontecimento, e não como um pano de fundo imutável ou como um dado preestabelecido” (BAKHTIN, 2003, p. 244).

Isso nos leva a considerar o tempo como um acúmulo de aprendizado. Consideramos importante destacar que com o decorrer dos séculos e com o processo de transferência intersemiótica do conteúdo de um tipo de arte para outro tipo, o relato passa por um processo de construção estilística e faz surgir a beleza dos diferentes tipos de arte. Em Ana Maria Machado, observamos uma linguagem contemporânea a descrever a cena análoga do romance de Cervantes:

Estava tudo pronto. Certa madrugada, quando a ama e a sobrinha dormiam, saiu em silêncio. Rocinante deve ter levado um susto com aquele cavaleiro esquisito, metido da cabeça aos pés numa armadura. E lá se foram os dois concertar o mundo. (MACHADO, 2005, p. 10).

É interessante observar que essa viagem no tempo e no espaço, por meio da leitura das diferentes obras, instiga o leitor a destacar as marcas linguísticas presentes na narrativa e a compreender as semelhanças e diferenças na estilística de cada autor.

Outra imagem que selecionamos para analisar, dialoga com a cena inicial. A Figura 2 apresenta Dom Quixote a cavalo com lança e espada,





preparado para sua primeira partida. Na figura 1, arriscamos dizer que estava traçando seu destino, pensando longe, nos sonhos, em consertar as injustiças sociais. Logo, Ana Maria Machado descreve a cena:

Um belo dia, teve uma ideia. Achava que esses heróis da cavalaria estavam fazendo muita falta para consertar o mundo. E resolveu que essa era sua vocação: seguir o seu sonho e virar cavaleiro andante”. (MACHADO, 2005, p. 8).

Portinari alcança o ápice da linguagem canônica, absorve sua essência e cria a cena de um cavaleiro andante, cheios de sonhos, usando suas armaduras, espada e lança. Ele representa pictoriamente a narrativa de maneira vibrante. Nesse sentido, Benjamin sustenta que “a comparação com a pintura se revela útil”. (BENJAMIN, 1955, p.10). A narrativa se contrasta com a pintura, pois mescla a linguagem verbal erudita e a pintura contemporânea, criando traços coloridos para atrair a atenção do leitor, como vemos na obra a seguir:

Figura 2

Dom Quixote a cavalo com lança e espada
Desenho a lápis de cor sobre papelão, 42 x 16 cm, 1956.



Fonte: Museu Castro Maya, Rio de Janeiro, RJ





Ao entrelaçar as representações das cenas descritas em ambientes que diferem e ao mesmo tempo em que se aproximam, nos revelam que as artes plásticas são capazes de expressar traços, cores, geometrias, expressão e técnica; a arte narrativa, vocabulário próprio de cada momento histórico, imagens e discurso. Assim, compreendemos as escolhas estético/discursivas de cada narrativa. Para diluir esse pensamento Benjamin corrobora:

A reproduzibilidade técnica da obra de arte modifica a relação da massa com a arte. Retrógrada diante de Picasso, ela se torna progressista diante de Chaplin. O comportamento progressista se caracteriza pela ligação direta e interna entre o prazer de ver e sentir, por um lado, e a atitude do especialista, por outro. Esse vínculo constitui um valioso índice social. Quanto mais se reduz a significação social de uma arte, maior fica a distância, no público, entre a atitude de fruição e a atitude crítica, como se evidencia com o exemplo da pintura. (BENJAMIN, 1996, p. 91).

Ao analisar as semelhanças e dessemelhanças entre uma obra e outra tendo como objeto o conteúdo representado, é pertinente dizer que os significantes convergem para significados que vão muito além do que é visível, palpável, exigindo do leitor uma participação ativa. No entanto, os recursos utilizados coadunam para despertar no leitor um leque de interpretações e, para isso, recorrer ao Cluver, que sustenta o pensamento apresentado de maneira coerente:

As ilustrações são, entre outras coisas, interpretações que necessitam elas mesmas de interpretações; mas como quer que as leiamos, elas afetarão o modo como leremos os textos que ilustram, mesmo quando sua maneira de reescrita acaba na verdade por subverter os textos. Há críticos que tendem a considerar qualquer forma de ilustração como forma de subversão. (CLUVER, 1997, p. 44).

Entretanto, nessa interpretação de ilustrações, elencamos uma terceira cena para destacar mais uma saída de *Dom Quixote* para suas aventuras e





desventuras. Dessa vez, acompanhado por um lavrador chamado Sancho Pança. Cervantes descreve a cena com riquezas de detalhes:

Neste meio tempo, solicitou Dom Quixote a um lavrador seu vizinho, homem de bem (se tal título se pode dar a um pobre), e de pouco sal na moleira; tanto em suma lhe disse, tanto lhe martelou, que o pobre rústico se determinou em sair com ele, servindo-lhe de escudeiro. Dizia-lhe entre outras cousas Dom Quixote que se dispusesse a acompanhá-lo de boa vontade, porque bem podia dar o acaso que do pé para a mão ganhasse alguma ilha, e o deixasse por governador dela. Com estas promessas e outras quejandas, Sancho Pança, que assim se chamava o lavrador, deixou mulher e filhos, e se assoldadou por fiel escudeiro do fidalgo. (CERVANTES, 2002, p. 57).

Figura 3

Dom Quixote e Sancho Pança saindo para suas aventuras
Desenho a lápis de cor sobre cartão, 28.5 x 21.5 cm, 1956.



Fonte: Museu Castro Maya, Rio de Janeiro, RJ.

Vale ressaltar que Portinari se utiliza de técnicas expressivas para representar a imagem da personagem de Dom Quixote e seu fiel escudeiro Sancho Pança. Apropriando-se de cores em tons amarelados e azuis, o protagonista acreditava que, na companhia do amigo, as aventuras ocorreriam com sucesso. O amarelo representa a excelência e, por ser um sonhador, a crença de poder transformar o mundo num lugar melhor.





Annateresa Fabris ressalta que:

A série *Dom Quixote* caracteriza-se por um sutil equilíbrio de amarelos e azuis alçados a suas notas mais vibrantes. O desenho propositalmente *naïf* contrapõe um esguio Dom Quixote (reduzido praticamente à armadura) a um robusto Sancho Pança, cuja corporeidade não é definida através de linhas, mas pelo magistral da cor. (FABRIS, 1990, p. 65).

Na cena, os personagens principais já estão prontos para a partida, ambos equipados com suas ferramentas de luta: Dom Quixote em seu cavalo Rocinante, e Sancho em cima de seu burro. As ilustrações fazem contraste com a escrita do texto, sempre disformes. Ana Maria Machado brinca com as palavras, configurando as personagens numa linguagem contemporânea:

Era engraçado ver aqueles dois. Um era magrelo e comprido, num cavalo ossudo. O Outro era gorducho e baixinho, num burrico pequeno. Um era nobre e tinha lido um monte de livros. O Outro era lavrador e analfabeto. Lado a lado, cavalgando pelas estradas. Iam conversando e ficando amigos. Uma das maiores amizades que já se viu. (MACHADO, 2005, p. 18).

Diante das descrições dessa terceira cena escolhida para nossa leitura, compreendemos a importância da relação entre a literatura com outras artes. Para tornar o leitor participativo, para enxergar os vazios do texto, ampliar os horizontes de expectativas e ainda instigar o leitor a questionamentos pertinentes sobre cada autor como salienta Carvalho:

Significa, ainda, indagar sobre as razões pelas quais, determinado autor (seja ele importante ou não na literatura de origem) repercute e se difunde em outro contexto literário e cultural, com maior ou menor sucesso. Estudos comparativos dessa ordem, que levam em conta a produção/recepção das obras, respondem a uma necessidade contextual, a urgências específicas de cada espaço determinado. A estratégia que define "o lugar de onde se fala" é tão significativa que se converteu em objeto de reflexão para muitos estudiosos e, poder-se-ia mesmo





dizer, em uma espécie de categoria crítica. (CARVALHAL, 1996, p. 57-58).

O texto base desse trabalho apresenta uma hipertextualidade. Na medida que elencamos as cenas a partir de Ana Maria Machado, fazemos alusão à escrita de Cervantes, uma linguagem erudita com traços de um período literário. Ganhamos credibilidade para ousar dizer que a obra *O Cavaleiro do Sonho* faz uma homenagem ao escritor Miguel de Cervantes, pois Ana Maria Machado afirma:

É claro que ainda há muita coisa para se consertar no mundo. E mesmo que tenha melhorado um bocado, nem dá para dizer que ele vai ficando mais justo. Mas uma coisa não dá para negar: tudo fica mais bonito quando artistas como Cervantes e Portinari nos dão de presentes um livro como *Dom Quixote* ou uns painéis como *Guerra e paz*. É por isso que, mesmo tendo morrido, eles vivem para sempre. É que ficaram enormes. Do *Tamanho de seu sonho*. (MACHADO, 2005, p. 50).

O elemento principal na representação das cenas é o personagem *Dom Quixote*: um cavaleiro sonhador, que de tanto ver a sua volta uma realidade cheia de coisas erradas e sentir a dor dos outros, acreditou que seu sonho seria consertar o mundo. Ele atraiu Sancho Pança para ajudá-lo nessa aventura. As cenas mostram as saídas do cavaleiro na intenção de melhorar a vida dos outros. Essa representação se apresenta na escrita e na pintura, num diálogo tríade delineando as artes literárias. Nesse sentido, Salvato Trigo salienta:

A literatura se produz num constante diálogo de textos, por retomadas, empréstimos e trocas. A literatura nasce da literatura: cada obra nova é uma continuação por consentimento ou contestação, das obras anteriores, dos gêneros e dos temas já existentes. Escrever é, pois, dialogar com a literatura anterior e com a contemporânea. (TRIGO, 1985 p. 25)





Entre tantas cenas, escolhemos apenas três para desenvolver nosso trabalho: Figura-1: *Dom Quixote de cócoras com ideias delirantes*. Figura-2: *Dom Quixote a cavalo com lança e espada*. Figura-3: *Dom Quixote e Sancho Pança saindo para suas aventuras*.

Ao destacar as semelhanças e dessemelhanças no conteúdo representado e envolver a participação do leitor nos textos, cabe-nos ressaltar que o aspecto da realidade social despertada pelo personagem Dom Quixote faz perceber que “o devaneio se incorpora à imaginação poética e acaba na criação de semelhantes imagens; mas o seu ponto de partida é a realidade sensível do mundo, ao qual se liga assim necessariamente”. (CANDIDO, 1999, p. 83).

A partir do pensamento destacado por Candido, notadamente elencamos os sonhos do personagem Dom Quixote e do artista Portinari ao desejo por ter um mundo melhor. Ana Maria Machado confirma que Portinari recebe um convite para pintar suas últimas obras de arte intitulada *Guerra e Paz*, que seria colocada na entrada da sede da ONU. Também preocupado com as injustiças sociais ele aceita o convite e cria os painéis que se encontram hoje, estampados no edifício da ONU como Machado apresenta:

Resolveram também que na entrada haveria dois painéis enormes. Um mostraria a Guerra. O outro, a paz. Para que ninguém jamais esquecesse as dores, mortes, lágrimas e sofrimentos que a guerra traz. E para que todos pudessem sempre fazer o possível para viver em harmonia. No trabalho, nos brinquedos, na amizade, no canto, na dança, em todas as artes. Convidaram Portinari para fazer esses painéis, celebrando seu sonho de um mundo melhor. Mas não dava para fazer uma pintura dessas com lápis de cor. Ia ser preciso trabalhar com as tintas que o envenenaram. Ele achou que era uma boa causa e aceitou, mesmo sabendo do perigo que corria. Pintou com todo entusiasmo. Pouco depois, morreu intoxicado. Para dar vida a seu sonho. (MACHADO, 2005, p. 47).





Em tão boas circunstâncias, Ana Maria Machado reescreve a obra *Dom quixote de la Mancha*. Convida o leitor a pensar sobre um mundo melhor, numa verdadeira profusão de imagens escritas e pintadas, delineando os sonhos de verdadeiros gigantes. Assim, valorizamos cada traço, cada cor, em cada situação representada nas cenas, causando a leitura de signos visuais em confluência com os signos linguísticos.

Em síntese, o modo de representação do conteúdo adotado por Ana Maria Machado aguça as inclinações de um indivíduo em sociedade e faz com que o leitor repense a realidade ao seu redor e rompa com as barreiras existentes.

O conteúdo representado por *Dom Quixote* nos remete a um tempo histórico, e nos leva a pensar sobre o romance de cavalaria como um marco importante no percurso da literatura.

O conteúdo representado em Portinari nos sensibiliza pela técnica utilizada através do lápis de cor, uma vez que o pintor passava por um momento de saúde delicado devido à intoxicação de tinta a óleo e mesmo assim preferiu deixar suas marcas ilustrando um cânone.

Diante desses fenômenos, correlacionamos a imagem da pintura e da escrita aos sonhos, perpassando de um século a outro, num diálogo tríade destacando a importância de um ser um sonhador.

Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1955.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Revista Unicamp. São Paulo: Remate de Males, 1999.





CARVALHAL, Tânia Franco. Literatura comparada e literaturas estrangeiras no Brasil. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. Vol. 3. Rio de Janeiro: ABRALIC, 1996, pp. 57-58.

CLUVER, Claus. Estudos Interartes. Literatura e Sociedade. **Revista de Teoria Literária e Literatura Comparada**. Nº 2, 1997, p. 44.

FABRIS, Annateresa. **Portinari, pintor social**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

JUNIOR, Benjamin Abdala. Necessidades e solidariedade nos estudos de literatura comparada. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. Vol. 3. Rio de Janeiro: ABRALIC, 1996.

MACHADO, Ana Maria; PORTINARI, Candido. **O Cavaleiro do sonho: as aventuras e desventuras de Dom Quixote de la Mancha**. São Paulo: Mercuryo Jovem, 2005.

SAAVEDRA, Miguel dos Cervantes. **Dom Quixote de la Mancha**. São Paulo: Nova Cultura Ltda, 2002.

SILVA, Vera Maria Tietzman. Sobre os contos e recontos. AGUIAR, Vera Teixeira; MARTHA, Alice Áurea Penteadó. (Orgs.) **Conto e Reconto: das fontes à invenção**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

TRIGO, Savato. Da urgência do comparatismo nos estudos literários luso-afro-brasileiros. TRIGO, Savato. **Ensaio de literatura comparada afro-luso-brasileira**. Lisboa: Vega, 1986.

WELLEK, Renné. A Crise na Literatura comparada. COUTINHO, E. F; CARVALHAL, T. F. (Orgs). **Literatura Comparada: Textos Fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DA AUTORIA: o conteúdo deste texto é de total responsabilidade de seu(s) autor (res).

